

## TENDÊNCIAS CONCEITUAIS ACERCA DAS IDENTIDADES NA CONTEMPORANEIDADE

**Suzane Pinho Pêpe\***  
suzanepinho@gmail.com

**Paula Odilon dos Santos\*\***  
paula\_odilon@hotmail.com

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo contribuir para a compreensão das convergências e divergências acerca dos conceitos de identidade na contemporaneidade no campo das ciências sociais. Trata dos diversos usos do termo identidade e de sua banalização nas últimas décadas, com base em Paul Gilroy, Stuart Hall, Kathryn Woodward, Zigmunt Baumann e Rogers Brubaker e Frederick Cooper. Revê posicionamentos sobre *self* e identidade, e mostra que é forte a tendência, nas ciências sociais, de compreender que as identidades não são predeterminadas nem fixas, mas construídas socialmente, modeladas e ressignificadas em cada espaço e tempo. Aborda também a relação entre globalização e identidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade, crise de identidade, contemporaneidade.

**ABSTRACT:** *This paper has the objective to contribute for the comprehension of the convergences and the divergences about contemporary identity concepts in the field of social science. It treats many uses of the term identity and its banalization in the last decades based on Paul Gilroy, Stuart Hall, Rogers Brubaker and Frederick Cooper, Kathryn Woodward and Zigmunt Baumann. It reviews about self and identity positions, and it shows that there is a strong tendency in social science that the identity is not prefixed neither fixed but socially built up, modeled and recreated in each time and space. It also discusses the relationship between globalization and identity.*

**KEY-WORDS:** *Identity, Identity crisis, Contemporaneity.*

A comunidade sociológica reconhece que o conceito de identidade é complexo e multifacetado<sup>1</sup>, encontrando-se dividida em relação à utilização do termo, largamente empregado dentro e fora do mundo acadêmico. Se há alguma dificuldade por parte de vários autores que tentam se livrar do tema identidade é porque a discussão não foi esgotada e rever

---

\*Doutoranda do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia, Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

\*\*Mestranda do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia, Professora do Curso de Pedagogia do Programa Plataforma Freire da Universidade Estadual da Bahia, e dos cursos de Pedagogia e Letras da Faculdade de Ciências Educacionais (Bahia).

<sup>1</sup>HALL (2005), p. 10.

seus usos e críticas pode ser útil àqueles que fazem uso desse termo. A preocupação com a identidade não é apenas de ordem acadêmica, constitui-se em uma questão política quando reivindicada por parte de grupos (movimento, classe, nação ou Estado) que discutem sobre as fronteiras dessa identidade.<sup>2</sup> Além do mais, a identidade tornou-se objeto de manipulação por parte do mercado de bens simbólicos. Quando a academia reconhece a identidade como um problema em si mesmo, de acordo com a concepção de Paul Gilroy, uma importância adicional lhe é concedida à questão.<sup>3</sup>

Neste artigo, abordamos dois pontos: A diversidade de conceitos acerca da identidade com base em autores que escreveram nas últimas décadas do século XX e na primeira década deste século, e reflexões sobre o tema a crise da identidade na contemporaneidade, considerando que mesmo havendo resistências, não é possível fechar os olhos à globalização e a seus paradoxos. Nosso objetivo é reunir diversos pontos de vista e mostrar que houve uma tomada de consciência tanto do desgaste do termo quanto da ideia de crise das identidades. Ao tratar desta, fica claro que o estudo das identidades faz sentido na medida em que está associado a um tempo e a um espaço dados.

Consideramos neste texto, contemporaneidade como a pós-modernidade, momento da história que se afirma nas quatro últimas décadas, quando ocorreram mudanças nas sociedades industrializadas que repercutiram, nos diversos continentes, nos modelos político, econômico, social, educacional, na visão de mundo, no *ethos*, na estética e na produção cultural. As bases dessas mudanças estão em formas flexíveis de acumulação de capital, na globalização e na sua aliada revolução digital. Novas compreensões de tempo e espaço, a fragmentação do sujeito e a relativização das identidades culturais são algumas das ocorrências deste momento. Outros termos foram criados para denominar esta fase: “modernidade líquida”, “modernidade tardia” e “hipermodernidade”.

### **Críticas aos usos do termo identidade**

Segundo Rogers Brubaker e Frederick Cooper<sup>4</sup>, o termo identidade, do qual ainda é difícil escapar, foi utilizado na análise social e no discurso público nos Estados Unidos, entre os anos 1950 e 1960, em resposta a uma série de reivindicações no campo acadêmico e no

<sup>2</sup> GILROY (2007), p. 125.

<sup>3</sup> GILROY (2007), p. 125.

<sup>4</sup> BRUBAKER; COOPER (2000), p. 2 e p. 28.

discurso político. Na década de 1960, emergiram movimentos sociais no Ocidente, como “a rebelião estudantil, o ativismo pacifista e antibélico e as lutas pelos direitos civis”, inclusive aquelas empreendidas pelos grupos de defesa dos direitos da mulher, do negro e dos homossexuais, que contribuíram para a afirmação das diversas identidades.<sup>5</sup>

Nos anos 1980, o uso excessivo da palavra identidade e da expressão “crise da identidade” foi intensificado com a ascensão dos estudos sobre raça, classe e gênero no campo dos Estudos Culturais e do “criticismo literário”.<sup>6</sup> Os autores dedicados a esse campo questionam o alcance do conceito de identidade e tecem comentários ásperos à visão construcionista da identidade, mas não trazem ainda outro paradigma que substitua essa perspectiva.

A identidade é compreendida, por Brubaker e Cooper, como uma categoria de análise política e social, por um lado, e como categoria de prática política e social, por outro. Por considerarem que o termo identidade é utilizado de forma abusiva, identificam seus usos-chave, que, além de heterogêneos, apontam para direções diversas: a) a identidade governada por interesses particulares (individuais ou coletivos) ou pela ação política e social; b) a identidade entendida como um fenômeno especificamente coletivo que denota uma semelhança entre os membros de um grupo ou categoria e pressupõe a solidariedade; c) a identidade entendida como aspecto nuclear (individual ou coletivo) do *self* ou como uma condição fundamental do ser social; invocada para apontar algo básico, contínuo ou fundacional; d) a identidade entendida como um produto da ação política e social, usada para elucidar o auto-entendimento coletivo, solidário e o sentimento de grupo que possa levar à ação coletiva possível; e) a identidade invocada para elucidar a natureza fragmentada, flutuante, múltipla e instável do *self* contemporâneo, sentido encontrado na literatura influenciada por Foucault, no pós-estruturalismo e na pós-modernidade, tratada por Zygmunt Bauman e Stuart Hall. Em algumas outras formas, sem as armadilhas pós-estruturalistas, e em outras linhas da literatura sobre etnicidade, notadamente em relatos contextualistas ou situacionistas de etnicidade.<sup>7</sup>

É justamente a visão de identidade flutuante, fragmentada, múltipla e de instabilidade do *self*, tratada por Brubaker e Cooper, que é sugerida por Stuart Hall, Kathryn Woodward e Zygmunt Bauman, cujas proposições têm repercutido no meio acadêmico, transcendendo esta

<sup>5</sup> WOODWARD (2009), p. 33-34.

<sup>6</sup> BRUBAKER; COOPER (2000), p. 3.

<sup>7</sup> BRUBAKER; COOPER (2000), p. 6-8.

esfera, apesar das críticas. Hall e Woodward estão associados aos Estudos Culturais; sendo o primeiro seu representante mais significativo. Desde cedo, Hall sentiu na pele o que significa conviver com o critério interseccional que permeia o jogo das identidades. Em 1964, participou da fundação do Centre for Contemporary Studies, da Universidade de Birmingham, onde nascia um campo de estudo que propunha o sentido da cultura não como forma de erudição, mas inclusiva, que ficou conhecido como Estudos Culturais.<sup>8</sup>

Diferentemente de Brubaker e Cooper, que enfatizam a separação entre a categoria de análise política e social e a categoria prática política e social, conforme citado; Hall<sup>9</sup> compreende que a ideologia é problema tanto para teoria quanto para a política. Apontamos este como um ponto crucial da divergência de pensamento entre esses autores. Questionamos se faz sentido separar essas categorias. Para que servem então as ciências sociais? Práticas e lutas políticas podem proporcionar a discussão do pensamento que, por sua vez, é capaz de influir sobre novas práticas e lutas. Acreditamos que este é um processo que pode ser circular e se dá através de tensões e distensões, de progresso e de regressões, de conquistas e de frustrações.

Quanto à questão do termo identidade, Brubaker e Cooper propõem que se utilizem outros termos menos comprometidos com as ideologias e os projetos políticos, a saber: “identificação”; “autocompreensão”; e “comunalidade, conectividade ou sentimento de grupo”.

Identificação, termo originado da psicanálise que evita, segundo Brubaker e Cooper, a reificação das conotações de identidade; oferece uma ideia de algo intrínseco à vida social; é um termo ativo e que transmite a noção de processo, não tendo necessariamente um compromisso com resultados políticos<sup>10</sup>. Appiah é um dos autores que faz uso do termo “identificação”, compreendendo-o como um “processo através do qual o indivíduo intencionalmente modela seus projetos, incluindo seus planos para a sua própria vida e a sua concepção do bem – em referência aos rótulos disponíveis”. Em sua visão construcionista, ressalta, a nossos olhos, uma intencionalidade de construção do nível individual com base em referências disponíveis no nível social, marcado pelas políticas de identidades contemporâneas (raça, sexualidade etc.).<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> HALL apud SOVIK (2003), p. 11.

<sup>9</sup> HALL apud SOVIK (2003), p. 13

<sup>10</sup> BRUBAKER; COOPER (2000), p. 14.

<sup>11</sup> APPIAH (2000), p. 609.

Autocompreensão enfatiza a subjetividade situacional do indivíduo. Quem é? Qual o seu lugar na sociedade? E como está preparado para atuar? Segundo Brubaker e Cooper<sup>12</sup>, a autocompreensão não implica a homogeneidade; o “*self*” pode assumir posições distintas em diferentes “localizações sociais”.

Por fim, “comunalidade, conectividade, sentimento de grupo”. O primeiro denota a ideia de compartilhamento de um atributo comum; o segundo, as ligações entre as pessoas.<sup>13</sup>

### Cultura, Identidade e *Self*

Martin Sökefelf<sup>14</sup> concorda com as críticas ao uso excessivo do termo identidade, aponta que houve uma tendência dos psicólogos a considerarem apenas a identidade individual, e dos antropólogos e sociólogos de tratarem somente a identidade coletiva. Argumenta que o conceito de identidade deve ser compreendido juntamente com o conceito de *self* (si mesmo); ambos têm implicações políticas. Defende que o discurso antropológico separa a “identidade” do “*self*”.

Outro posicionamento é tomado por Van Meijl, que situa o interesse da antropologia americana pela pessoa, entre os anos 1920 e 1950, o que significou uma aproximação entre a antropologia e a psicanálise de Freud e de Harry Sullivan. A cultura foi vista como uma projeção da personalidade, encontrando variações em Abram Kardiner, Clyde Kluckhohn, Edward Sapir, Ralph Linton, Cora Du Bois, John Whiting e Margaret Mead.<sup>15</sup> Nos anos 1950, o psicanalista Erik Erikson traz uma abordagem em que a noção psicológica de identidade substitui o conceito de personalidade, colocando a antropologia como termo chave; preocupa-se com a personalidade do *self* e seu meio, ou seja, como ele ou ela são vistos e identificados pelo outro.<sup>16</sup>

O termo *self* foi usado no Ocidente, por Hegel, fundindo-se com autoconsciência e, por William James, para designar um conjunto composto do eu e do outro. Essas definições se aproximam do conceito de ego, porque permitem ao indivíduo voltar-se para si mesmo, favorecendo a consciência de si mesmo. Na psicologia analítica, o *self* integra os objetos da experiência percebidos como os fatores que ainda permanecem inconscientes. Já Freud usa a

<sup>12</sup> BRUBAKER; COOPER (2000), p. 17

<sup>13</sup> BRUBAKER; COOPER (2000), p. 20.

<sup>14</sup> SÖKEFELF (1999), p. 417.

<sup>15</sup> HARRIS apud VAN MEIJL (2008), p.169.

<sup>16</sup> VAN MEIJL (2008), p.169-170.

palavra *self* (*das Ich*) em duas situações: no sentido do eu de uma pessoa e como uma parte específica da mente, caracterizada por atributos e funções especiais. Deste segundo sentido derivou a descrição do ego, que na metapsicologia psicanalítica foi separado do conceito de *self*. Na linguagem psicanalítica, ego, id e superego são conceituações abstratas do aparelho psíquico, portanto, uma noção distante da experiência, enquanto o *self* representa uma abstração mais próxima à experiência.<sup>17</sup> Baumeister propõe um conceito de *self* baseado na consciência reflexiva, que é o conhecimento sobre si próprio, e na capacidade de ter consciência de si; na interpessoalidade dos relacionamentos humanos, através dos quais o indivíduo recebe informações sobre si; na capacidade do ser humano de agir.<sup>18</sup>

Também a ideia de semelhança está presente no sentido mais sociológico da identidade da tradição antropológica funcional estruturalista, que tratou a identidade como identidade do grupo.<sup>19</sup> Tende-se a supor que a identidade do indivíduo é a mesma de seu grupo, posição que pressupõe permanência e estabilidade da identidade.<sup>20</sup>

Segundo Sökefeld, o *self* é compreendido no Ocidente como autônomo e egocêntrico, o que não ocorreria em sociedades não-ocidentais. O mesmo autor aponta que as qualidades fundacionais do conceito ocidental de *self* surgiram com Descartes, para quem o conhecimento racional servia de garantia contra as possíveis ambiguidades, entretanto, essa visão não mais se sustenta.<sup>21</sup> A própria psicologia voltou a sua atenção para a existência das múltiplas identidades, o que seria uma contradição em relação ao termo, levando Sökefeld a rever sua visão sobre este conceito, por não ser possível existir um *self* totalmente racional, linear, uma vez que os sujeitos vivenciam experiências pessoais e culturais que fazem parte de suas histórias e moldam as suas personalidades tornando-se cada vez mais difícil abandonar a ideia de que a identidade e o *self* fazem intercâmbios contínuos.<sup>22</sup>

Com o Pós-Estruturalismo, o sujeito portador de uma única identidade foi desconstruído, assim, Martin Sökefeld coloca que atos individuais particulares em situações que envolvem identidades contraditórias requerem um conceito de *self* que leve em conta as respectivas identidades. Também hoje antropólogos, a exemplo de Toon van Meijl<sup>23</sup>, acham

---

<sup>17</sup> GIROLA, (2000).

<sup>18</sup> BAUMEISTER apud SÖKEFELF (1999), p. 417.

<sup>19</sup> VAN MEIJL (2008), p. 169-170.

<sup>20</sup> VAN MEIJL (2008), p.170.

<sup>21</sup> SÖKEFELF (1999), p. 417.

<sup>22</sup> SÖKEFELF (1999), p. 417.

<sup>23</sup> VAN MEIJL (2008), p.165-6.

que o “*self* dialógico” é usual na análise da identificação de indivíduos que vivem em contextos multiculturais característicos da contemporaneidade, na era da globalização.

Na psicanálise, segundo Jurandir Costa, prefere-se o termo identificação à noção de sujeito ou de *self*.<sup>24</sup> A identidade quer dizer personalidade, pessoa ou indivíduo, sendo o sujeito ou *self* compreendido como um conjunto de processos identificatórios, e identidade relacionada a ideias de ipseidade, continuidade e unidade, o que o autor acha que diverge do sujeito da psicanálise que é plural e descontínuo. Para Eduardo Cunha, a categoria identidade está presente no pensamento contemporâneo, entretanto, o termo parece estranho ao pensamento psicanalítico. O que ocorre é que a psicanálise freudiana desconstruiu a categoria sujeito em prol da categoria eu; ausente nos principais dicionários de psicanálise, ou surge de forma transversal, no verbete identidade sexual. A questão da identidade está mais próxima da psicanálise nas discussões de gênero, operadas nas fronteiras entre teoria a psicanalítica, a biologia, a sexologia e a medicina.<sup>25</sup>

Na antropologia, o termo identidade foi mais utilizado com o intuito de tratar da existência da identidade étnica, uma identidade que conecta o eu ao outro, o que tem relação com a consciência de um grupo que compartilha a mesma língua, religiosidade, valores, tradições, enfim o *modus vivendi*. Desde os anos 1970, com mudanças na economia global, novas formas de colonização e migrações, vêm mostrando que a percepção de uma relação fechada e imutável entre cultura e identidade não se sustenta, sobretudo, para compreender as sociedades multiculturais. Paralelamente, surgem novos conceitos de cultura não mais essencialistas como os primeiros, pois novas situações se apresentam e precisam de novas leituras das sociedades.

### **Das Visões Essencialistas e Construcionistas à Crise da Identidade**

Stuart Hall compreende a identidade como uma construção social, mediatizada pela cultura, que atua em caráter móvel, ambivalente, interseccional e em diferentes contextos, capazes de conduzir o sujeito a adotar diversas identidades, o que requer a liberdade de escolha. Segundo Woodward, a identidade é uma questão de “tornar-se” e, não, de vir a ser

---

<sup>24</sup> COSTA (s.d.), p.1.

<sup>25</sup> CUNHA (2007), p.172.

aquilo que o entorno social deseja.<sup>26</sup> Ela não pode ser fixada. Essa visão se opõe a concepções essencialistas de identidade presentes no campo, fundamentalmente político.

Uma visão original é a de Zigmunt Bauman: A modernidade é “líquida”, pois as alterações nas estruturas políticas, econômicas e a sua interferência na constituição cotidiana dos padrões culturais mudam o sujeito e as suas estruturas discursivas, promovedoras do significado da identidade. Também defende que não existe mais espaço para um tipo de identidade que se apresente de forma fixa, detentora de pureza e que se queira sólida. Ele não acredita na defesa das “identidades locais” como um antídoto contra os malefícios da globalização.<sup>27</sup>

Gilroy trata da associação entre identidade e território feita por Rousseau, que usa o exemplo da história dos filhos de Israel e comenta que sentimentos de identidade e de território, nação e raça seriam capazes de aglutinar um povo numa experiência compartilhada, enraizada e vinculada em especial a lugar, localização, linguagem e mutualidade.<sup>28</sup> Todavia, tenta se afastar desse posicionamento que considera essencialista, compreendendo que a manipulação estratégica da identidade enquanto conceito e atitude contínua de construção de ordem prática pode acarretar consequências morais e políticas, como ocorreu em movimentos ultranacionalistas e fascistas no século XX, que espetacularizaram identidades unificadas em suas exibições militares pelos uniformes, treinamentos físicos e marchas, inaugurando um verdadeiro teatro em que homens e mulheres aparecem como parte de uma engrenagem.

Identidades nacionais e étnicas representadas e projetadas como puras são problemáticas ao contato com as diferenças, que passam a ser ameaçadoras. Mais do que no outro, a ameaça está intrínseca e arraigada nos ódios com relação ao meio diferente e em parte conhecido.<sup>29</sup> Kathryn Woodward afirma que as “identidades adquirem sentido por meio de uma linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”; “a identidade é relacional”<sup>30</sup>, pois uma identidade depende de outra para existir, mas pode haver semelhanças, que até tornam contraditória a questão da identidade.<sup>31</sup>

---

<sup>26</sup> WOODWARD (apud SILVA, 2009), p.28

<sup>27</sup> BAUMAN (2005), p. 95.

<sup>28</sup> GILROY (2007), p. 126.

<sup>29</sup> GILROY (2007), p. 132.

<sup>30</sup> A ideia de que a identidade étnica é relacional foi inserida nesse campo de estudo por Frederik Barth. Essa noção aparece no texto *Ethnic groups and boundaries. The social organization of culture difference* (1969), publicado em língua portuguesa em 1998.

<sup>31</sup> WOODWARD (2009), p. 8-9.

Paul Gilroy discute a cultura e o racismo voltando-se para a crítica ao etnocentrismo e ao absolutismo étnico da teoria cultural negra. Critica a associação entre nacionalidade e filiação nacional, “raça” (como jargão) e identidade étnica para sustentar a retórica das identidades negra e branca, que apresentam as diferenças étnicas como uma ruptura absoluta entre o “povo negro” e o “povo branco”. Argumenta que, historicamente, entre os negros ocidentais, inclusive os negros ingleses e anglo-africanos, a questão da cor sustenta uma retórica que foi sendo associada à nacionalidade e filiação nacional, a raça e etnicidade.<sup>32</sup> Chama a atenção para o fato de que as ideias de nação, nacionalidade, filiação nacional e nacionalismo são asseguradas pelo “inclusivismo cultural”, que geralmente promove a construção de uma nação etnicamente homogênea<sup>33</sup>, o que não ocorre na prática. A etnia é evocada, nesses contextos, para dar sentido a seu conteúdo cultural, entretanto, é mais viável pensar no sentido da pluralidade cultural e no processo constante de construção das culturas.<sup>34</sup>

Como alternativa à visão de parentesco primordial e pertencimento enraizado que baseia ideias etnocêntricas nacionalistas da raça e da cultura negra, Gilroy propõe um olhar para a experiência da diáspora como algo que é externo à nação, e contribui para a análise de processos e formas interculturais e transculturais. A diáspora é tida como uma experiência que se afasta do global totalizante, corresponde a uma rede de relações produzidas pelo deslocamento, fuga ou exílio forçados.<sup>35</sup>

É bom lembrar que as associações de raça, nação e cultura na teoria cultural negra recaem na perspectiva das visões herdadas do Iluminismo e de um projeto de estado-nação nascido no seio da cultura ocidental, e que colocam a identidade como algo fixo. Gilroy argumenta que trazer a experiência da diáspora quebra com sequências cristalizadas das visões de “lugar, localização e consciência”, destruindo a invocação de uma memória comum.<sup>36</sup>

Antes de chegarmos a discorrer sobre crise da identidade, mais especificamente da identidade nacional, situemos a concepção de Benedict Anderson em *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*, onde ele define a nação:

---

<sup>32</sup> GILROY (2001), p. 33-34.

<sup>33</sup> GILROY (2001), p. 37-8.

<sup>34</sup> GILROY (2001), p. 37-38

<sup>35</sup> GILROY (2007), p. 152.

<sup>36</sup> GILROY (2007), p. 151.

[...] uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana, tendo em vista que todos os sujeitos sociais possuem a concepção de suas existências, enquanto indivíduos importantes para a edificação da nação, embora tenham claro a perspectiva, de que nunca se conhecerão em sua totalidade ou estabelecerão um diálogo profundo entre si, apenas guardam como verdade estabelecida a noção de sua importância enquanto agentes sociais promovedores do progresso do estado-nação.<sup>37</sup>

A ideia de “nação imaginada” corresponde a uma visão construcionista. Cada indivíduo constrói uma imagem da comunidade que participa. Os indivíduos de uma nação, além de serem capazes de criar e imaginar fronteiras, projetam e imaginam seus membros. Quando Anderson considera que a nação é limitada, ele traz como explicação que ela não abrange toda a humanidade.<sup>38</sup>

Bauman argumenta que o contexto de crise de pertencimento abre uma brecha para que se recorra à identidade como algo a ser realizado, a ser construído, mas ainda em favor de uma soberania territorial, visto que o Estado significava a concretização do futuro de uma nação, mas também almejava a obediência de seus indivíduos. A “identidade nacional” passou então a ser concebida como sendo um grito de guerra e ou motivo para desencadear uma guerra de fronteiras bem definidas<sup>39</sup> e o pertencimento encontrou brilho com a ameaça de prática de exclusão. Mediante as ideias de Bauman, a identidade nacional foi colocada como pilar capaz de agregar as demais:

[...] a identidade nacional [...] nunca foi como as outras identidades. Diferentemente delas, que não exigiam adesão inequívoca e fidelidade exclusiva, a identidade nacional não reconhecia competidores, muito menos opositores. Cuidadosamente construída entre o Estado e suas forças [...], a identidade nacional objetivava o direito monopolista de traçar a fronteira entre “nós” e “eles”.<sup>40</sup>

Retomamos aqui as visões essencialistas e não essencialistas na análise do constructo identidade nacional. A perspectiva essencialista sugere que a identidade seja um conjunto de características claras, autênticas partilhadas por determinado grupo ao longo do tempo, compreende a identidade como fixa e linear não considera alterações ocorridas, enquanto a perspectiva não essencialista leva em conta as mudanças ocasionadas com o passar do tempo,

<sup>37</sup> ANDERSON (2008), p. 32.

<sup>38</sup> ANDERSON (2008), p. 32.

<sup>39</sup> BAUMAN (2005), p. 26.

<sup>40</sup> BAUMAN (2005), p. 28.

bem como as construções simbólicas e discursivas dos indivíduos no âmbito das diversas sociedades.<sup>41</sup>

Em geral, as identidades envolvem reivindicações essencialistas no que concerne ao pertencimento a determinado grupo. Às vezes, essas reivindicações tomam por base a identidade étnica, racial, as relações de parentesco e aspectos biológicos, como a identidade sexual e a maternidade.<sup>42</sup> Outra perspectiva também essencialista fundamenta-se na visão de história construída ou representada como “verdade imutável”, ou melhor, como identidade fixa.<sup>43</sup> A manutenção de projetos políticos está, comumente, fincada em posições essencialistas baseadas na história que podem ser de cunho real e/ou inventada com o objetivo de dignificar e exaltar frente aos demais, um determinado grupo e ainda na busca de suas raízes culturais.<sup>44</sup>

Hall e Woodward compartilham a visão de que as identidades são construídas, inclusive as nacionais. Para Stuart Hall, “as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*”; a cultura nacional constrói sentidos através do discurso e organiza ações e concepções.<sup>45</sup>

Zigmunt Bauman compreende a identidade como um propósito, um objetivo, algo que precisa ser aprimorado, e não como algo definido aprioristicamente.<sup>46</sup> Não há porque ocultar o trabalho de construção das identidades como um ato performativo. Também, no início da era moderna, tendia-se mais a ocultá-lo do que hoje porque havia forças interessadas em esconder a fragilidade e a condição sempre provisória da identidade.<sup>47</sup>

Woodward relata conflitos de identidades entre servos e croatas no contexto da guerra na Iugoslávia, com o propósito de estudar identidade e diferença. Demonstra que a identidade é relacional, ou seja, uma identidade depende de outra para que se percebam diferenças e semelhanças entre elas. Segundo essa autora, “as identidades adquirem sentido por meio de uma linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”.<sup>48</sup> Neste sentido, faz-se associação entre a identidade da pessoa e seus objetos, as roupas que portam e outros elementos que funcionam como marcadores. Menciona que a construção da

---

<sup>41</sup> WOODWARD (2009), p. 12.

<sup>42</sup> WOODWARD (2009), p. 13 e 16.

<sup>43</sup> WOODWARD (2009), p. 15.

<sup>44</sup> WOODWARD (2009), p. 16.

<sup>45</sup> HALL (2005), p. 48.

<sup>46</sup> BAUMAN (2005), p. 21-22.

<sup>47</sup> BAUMAN (2005), p. 22.

<sup>48</sup> WOODWARD (2009), p. 10.

identidade tanto é um processo simbólico quanto social, necessários à construção das identidades como estruturas diversas e cambiantes.<sup>49</sup>

Sobre a relação entre identidade e representação, Woodward adota a fala de Hall para quem: “ao examinar os sistemas de representação, é necessário analisar a relação entre cultura e significado e para compreender esses significados envolvidos nos sistemas de representação é preciso, por sua vez, conhecer a posição dos sujeitos no sistema”<sup>50</sup>. Ela afirma que, através dos significados produzidos pelas representações, “damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” e podemos sugerir que esses sistemas simbólicos possibilitem o que somos ou o que podemos vir a ser<sup>51</sup>, frase esta que reafirma o sentido construído das identidades.

Hall enfatiza a fluidez da identidade, usando o conceito de *différance*, de Derrida, para quem o significado é diferido ou adiado, não é fixo nem completo.<sup>52</sup> Mas é com Bauman que a percepção de fluidez parece chegar ao extremo, pois tudo lhe parece frouxo, duvidoso e impreciso, principalmente os vínculos humanos. Defende mesmo a existência das comunidades guarda-roupa, ressaltando que “as ‘identidades’ flutuam no ar” nessa “época líquido-moderna” em que os fragmentos são mal coordenados, assim como os episódios são fracamente conectados.<sup>53</sup>

### A crise da identidade

Para Kobena Mercer<sup>54</sup>, a identidade apenas se torna uma questão quando está em crise<sup>55</sup>, quando algo que se supõe fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. Diversos autores situam as “crises de identidade” como características da modernidade tardia e engendradas pelas transformações globais da vida contemporânea. É necessário registrar, porém, que a globalização é um fenômeno que não atinge todos os lugares da mesma maneira e na mesma intensidade, bem como não se pode argumentar da existência de uma crise diante de um contexto que não é marcado pela fixidez e sim pela

<sup>49</sup> WOODWARD (2009), p. 10.

<sup>50</sup> HALL 1997 apud WOODWARD (2009), p. 17.

<sup>51</sup> HALL 1997 apud WOODWARD (2009), p. 17.

<sup>52</sup> WOODWARD (2009), p. 28.

<sup>53</sup> BAUMAN (2005), p. 18-19.

<sup>54</sup> Citado por HALL (2005), p. 9; e por WOODWARD (2009), p. 19.

<sup>55</sup> A expressão “crise de identidade” foi inaugurada por Erick Erickson (BRUBAKER; COOPER, 2000, p. 2), psicanalista americano de origem alemã, cuja teoria do desenvolvimento foca o problema da crise da identidade no ego.

mudança constante e alteridade dos constructos. Atentamos também para o fato de que não é em todos os lugares que se vive a construção da identidade como um drama, pois diferenças internas, conforme Moura, podem estar naturalizadas em certos contextos<sup>56</sup>.

O processo econômico e social da globalização, que não é tão recente, ganhou força nos anos 1970, com a conquista de novos mercados consumidores pelas empresas multinacionais, as quais se servem de recursos tecnológicos para baratear os preços de seus produtos e estabelecer contatos comerciais e financeiros de forma rápida e eficiente, expande-se a utilização da Internet, das redes de computadores e dos meios de comunicação via satélite. Todas essas mudanças podem ser acompanhadas de mudanças nas relações sociais e na produção cultural, o que tem atingido centros e periferias. Questões como essas despertaram o interesse de intelectuais que também viviam em condição diaspórica, provindos de países colonizados, vivendo em países hegemônicos.<sup>57</sup>

No século XIX, Marx já apontava a permanente revolução da produção, assim como a dissolução das representações e concepções, além do envelhecimento das relações sociais. Para o sociólogo inglês Giddens<sup>58</sup> na modernidade, as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas, alterando seu caráter, e as instituições novas ou as que são aparentemente uma continuidade das tradicionais estão organizadas em torno de princípios diferentes dos tradicionais.<sup>59</sup>

Nas sociedades tradicionais, venera-se e se valoriza símbolos a fim de perpetuar o passado, enquanto a modernidade, sobretudo a dita tardia, se caracterizam pela velocidade crescente das mudanças.<sup>60</sup> Sobre isso, Zigmunt Bauman comenta que o mundo se move em alta velocidade e aceleração constante, e as estruturas de referência baseadas na suposta durabilidade não comportam mais todas as novas identidades nem seus novos conteúdos.<sup>61</sup>

Bauman afirma que, com a globalização, “o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação”. O mundo é mais livre, as relações extraconjugais passaram a ser inevitáveis e toleráveis; no campo da economia, há países que abrem seus ativos para o mercado global; o patriotismo foi transferido para as

---

<sup>56</sup> MOURA (2005), p. 79.

<sup>57</sup> MOURA (2005), p. 78.

<sup>58</sup> GIDDENS apud HALL (2005), p. 15.

<sup>59</sup> HALL (2005), p. 15.

<sup>60</sup> GIDDENS apud HALL (2005), p. 15-6.

<sup>61</sup> BAUMAN (2005), p. 33.

forças do mercado, aumentando os lucros de determinados grupos econômicos.<sup>62</sup> Segundo Woodward, os efeitos da globalização sobre as identidades são diversos, podendo fazer com que uma comunidade abandone valores identitários ou reafirme suas identidades nacionais e locais. Também podem surgir, nesses processos, novas identidades. A migração de trabalhadores, fruto da globalização, finda por produzir identidades plurais e identidades contestadas, sendo marcantes as desigualdades nesse processo. Também os lugares onde as identidades são moldadas estão em jogo, sendo as novas identidades “desestabilizadas” ou “desestabilizadoras”.<sup>63</sup>

O declínio das identidades é estudado por Stuart Hall no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, cujo argumento principal é que “as velhas identidades”, responsáveis pela estabilidade do mundo social, estão em declínio, surgindo assim novas identidades nas sociedades modernas e a fragmentação do indivíduo moderno.<sup>64</sup> Hall distingue três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno, demonstrando sua preocupação com pensar a questão da identidade desde antes da pós-modernidade ou da modernidade tardia; ambos os termos são utilizados por Hall. Enquanto o sujeito do Iluminismo se baseia na ideia de indivíduo totalmente centrado (possuidor de um núcleo interior), unificado, com capacidades de razão, consciência e ação<sup>65</sup>; o sujeito sociológico resulta de uma relação dialógica entre o indivíduo e outras pessoas mediadoras de valores, sentidos e símbolos (cultura), estando em jogo o mundo exterior e o mundo interior, o social e o individual; ocorrendo uma projeção do “nós” nessas internalizações de significados e valores exteriores.<sup>66</sup> Por fim, o sujeito pós-moderno fragmentado, que experimenta um processo resultante de mudanças estruturais e institucionais, conhecido como globalização. A identidade do sujeito pós-moderno não é permanente, pelo contrário, apresenta-se em caráter móvel. São várias as identidades adotadas por um mesmo sujeito, a depender da situação em que se encontre, podendo ser inclusive contraditórias.<sup>67</sup>

---

<sup>62</sup> Bauman (2005), p. 34.

<sup>63</sup> WOODWARD (2009), p. 21.

<sup>64</sup> HALL (2005), p. 7.

<sup>65</sup> HALL (2005), p. 10.

<sup>66</sup> HALL (2005), p. 11.

<sup>67</sup> HALL (2004), p. 12-13.

Enfim, cabe situar que o debate sobre a pós-modernidade cresceu em duas correntes que são identificadas por Connor<sup>68</sup>: a primeira enfatiza as modificações ocorridas no campo da cultura e da arte, além de discutir a narrativa pós-moderna; a segunda identifica a pós-modernidade como uma corrente de mudanças no campo social, político e econômico, e os aspectos cultural, artístico e teórico são analisados dentro do contexto geral. Essa segunda abordagem compreende a pós-modernidade como uma condição, sendo representada por Jean-François Lyotard, Jean Baudriallard, Frederic Jameson, David Harvey, entre outros. É também nela que os autores Hall e Woodward se baseiam.

Stuart Hall situa o descentramento do sujeito na modernidade, com base no conceito utilizado por Ernest Laclau de “deslocamento” das sociedades modernas, que não se constituem em um todo unificado nem possuem um princípio organizador único, está em frequente deslocamento de seu centro.<sup>69</sup> Hall estabelece cinco “descentramentos” correspondentes a pontos de rupturas ocorridas no discurso científico, que causaram impacto sobre o pensamento moderno: o pensamento marxista e seus desdobramentos, ao colocarem as relações sociais no centro do sistema teórico ao invés de uma noção de indivíduo.<sup>70</sup> O segundo descentramento significativo apontado são as teorias psicanalíticas.<sup>71</sup> Já o terceiro reporta-se a Saussure, que toma a língua como um sistema social, em lugar de ser individual e preexistente. Ao falar uma língua, a pessoa expressa pensamentos interiores e uma série de significados embutidos na sua língua e em seu sistema cultural.<sup>72</sup> O quarto descentramento refere-se à obra de Michel Foucault ao destacar o “poder disciplinar”, voltado para a regulação, a vigilância, o indivíduo e o corpo. No século XX, o “poder disciplinar” constitui-se na regulação da vida, do trabalho, das práticas sexuais, da vida familiar, controlados pelo regime administrativo do trabalho e pelo conhecimento especializado. Enfim, o quinto descentramento é o impacto do feminismo, nos anos 1960.<sup>73</sup>

Citamos outros movimentos além do feminista: as revoltas estudantis, os movimentos contra as armas, as lutas pelos direitos civis e toda uma gama de movimentos revolucionários do “mundo em desenvolvimento”, sendo importante também mencionar que esse foi um estágio caracterizado pela situação de que cada movimento que emergia apelava para a

<sup>68</sup> CONNOR apud PEIXOTO (1998), p. 16 e 22

<sup>69</sup> HALL (2005), p. 16-17.

<sup>70</sup> ALTHUSSER apud HALL (2005), p. 34-5.

<sup>71</sup> HALL (2005), p. 36.

<sup>72</sup> HALL (2005), p. 40.

<sup>73</sup> HALL (2005), p. 46.

afirmação da identidade defendida por seus sustentadores, contribuindo para o nascimento histórico do que veio a se tornar conhecido como sendo a “política da identidade”, ou melhor, uma identidade para cada movimento.

A análise de Kathryn Woodward das relações entre identidade e subjetividade aprofunda esses pontos trazidos por Hall, mas o seu objetivo é explicar porque se investe nas identidades. Para Woodward, os termos identidade e subjetividade, às vezes, são usados de forma intercambiável. Enquanto o termo identidade “envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre ‘quem somos nós’”, o termo subjetividade evoca sentimentos e pensamentos mais pessoais. A relação entre ambas é que: “nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade”.<sup>74</sup>

Woodward observa que teorias pós-marxistas absorveram a ênfase sobre os sistemas simbólicos proposta pela psicanálise, mostrando que os sujeitos também são recrutados e produzidos pelo nível inconsciente ao lado do consciente.<sup>75</sup> Althusser, citado por Woodward, desenvolve uma teoria da subjetividade no contexto de um paradigma marxista, buscando a psicanálise e a linguística como referenciais. Sua revisão do conceito de ideologia de Marx “ênfata o papel da ideologia na reprodução das relações sociais”, além de destacar rituais e práticas institucionais envolvidas nesse processo. Concebe a ideologia como sistema de representação, analisa como os sujeitos ideológicos funcionam e como são recrutados pelas ideologias. Os sujeitos são categorias simbolicamente construídas.<sup>76</sup> Interpelação é a transformação do indivíduo em sujeito, reconhecido por meio de práticas e processos simbólicos.<sup>77</sup>

Segundo Bauman, estamos “carregados de identidades”<sup>78</sup> Essa representação tem relação com a complexidade da vida moderna, que obriga as pessoas a assumir diversas identidades, que podem ser conflitantes em algumas situações.

Uma pessoa assume diferentes identidades a depender dos papéis sociais desempenhados nos diferentes “campos sociais”<sup>79</sup>: na família, na escola, no trabalho, na

<sup>74</sup> WOODWARD (2009), p. 55.

<sup>75</sup> WOODWARD (2009), p. 61.

<sup>76</sup> WOODWARD (2009), p. 60.

<sup>77</sup> WOODWARD (2009), p. 60-61.

<sup>78</sup> BAUMAN (2005), p. 18-19.

<sup>79</sup> Termo utilizado por Pierre Bourdieu para designar as instituições.

associação de bairro, no partido político, na igreja etc.<sup>80</sup> Existem dificuldades para se estabelecer fronteiras entre essas identidades, inclusive porque essas experiências são vividas num contexto de mudanças sociais e históricas no mundo do trabalho, na produção e consumo de bens de serviços, nos novos padrões de vida doméstica.<sup>81</sup>

### **Considerações Finais**

Existem diversas perspectivas de concepção das identidades, essencialistas e não-essencialistas. Nas últimas décadas marcadas por mudanças no cenário global, emergiram concepções construcionistas, que compreendem que as identidades são construídas socialmente, modeladas e ressignificadas pela cultura em cada época histórica e considerando as especificidades demonstradas por cada grupo. A visão de identidades fixas não deixou, no entanto, de existir, parecendo haver paradoxos, porque as comunidades sentem necessidade de se afirmar, buscando mitos de origem e histórias que lhes ofereçam referências identitárias capazes de assegurar a hegemonia de grupos e nações. Assim, muitos discursos políticos podem aparecer carregados dos princípios essencialistas.

Os autores visitados Stuart Hall, Kathryn Woodward, Paul Gilroy e Zigmunt Bauman são claramente favoráveis à visão construcionista das identidades que para eles não são únicas, fixas nem predeterminadas. A construção das identidades, nessa perspectiva, é um desafio constante de “tornar-se” a cada dia, fazendo escolhas possíveis dentro de um contexto histórico-cultural em que o sujeito está inserido.

As reflexões dos autores demonstram que há muitas críticas ao desgaste do termo identidade usado com diversas conotações, o que foi sistematizado por Brubaker e Cooper. Essas diversas conotações do termo identidade estão ligadas aos pensamentos antropológico ou sociológico, e/ou às práticas políticas.

A ideia de que a identidade é relacional, proposta por Frederik Barth nos anos 1960, é retomada por Woodward. Outro ponto é identidade e diferença, que têm relação com a atribuição de sentido dada ao mundo social e com disputas e lutas em torno dessa atribuição.

O mundo acadêmico buscou compreender o sujeito pós-moderno mencionado por Hall, ator de uma sociedade líquido-moderna sugerida por Bauman, transitando por diversas

---

<sup>80</sup> WOODWARD (2009), p. 30.

<sup>81</sup> WOODWARD (2009), p. 31.

identidades, que são passíveis de ressignificação cotidianamente, na visão construcionista. Esta parece explicar melhor as identidades na globalização, fenômeno sentido nas esferas política, econômica e cultural.

A crise da identidade que se considera presente na pós-modernidade foi motivada, segundo Hall, por descentramentos ocorridos no discurso a partir do século XIX, que permitiram o reconhecimento da subjetividade do indivíduo no contexto social, a expressão através da linguagem e da cultura.

Apesar das críticas ao uso excessivo do termo, na prática, ele se mantém tanto na literatura quanto no discurso político, seja no discurso nacionalista oficial essencialista voltado para afirmação da nação, seja nos discursos de grupos que buscam se fortalecer em seus contextos sociais locais e dialogando com os contextos planetários.

As múltiplas identidades são, por vezes, sentidas como ameaçadoras, nascidas de um processo de fragmentação, de contradições e conflitos, entretanto, podem ser vistas como um desafio ao homem contemporâneo, exposto a uma realidade em que as mudanças se processam rapidamente e invadem um maior número de lugares, estando os indivíduos dispostos a promovê-las ou simplesmente sendo conduzidos a senti-las.

Não se pode deixar de considerar a importância do desenvolvimento dos estudos sobre a identidade para a academia, e, sobretudo, para o desenvolvimento de políticas afirmativas em diversas partes do mundo. É clara a dificuldade de separar a esfera acadêmica da esfera política, pois uma alimenta a outra, mesmo quando trabalham com finalidades diferentes. Pessoas atuantes na política podem adotar uma vida acadêmica que lhes permita transitar nessas duas esferas, confirmando assim, em caráter prático, a dinâmica presente no “jogo das identidades”, que garante a sua existência cotidiana.

Dessa maneira, aqueles que defendem a separação entre a ciência e a política, de certa maneira, contribuem para a formulação de críticas que fazem avançar as reflexões a respeito da relação entre as categorias da teoria e da prática política; ainda assim, a imparcialidade ideológica parece ser uma utopia e a identidade enquanto categorias social e científica continua sendo percebida como um processo dinâmico de articulação, como defende Stuart Hall, uma suturação, uma sobredeterminação e nunca uma subsunção, requerendo para consolidar o processo, aquilo que é deixado de fora, isto é, o exterior que a alimenta e a constitui.

## Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Trad. Marcus Panchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- APPIAH, K. Anthony. **Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- APPIAH, K. Anthony. Racial Identity and Racial Identification: A Reader. In: \_\_\_\_\_. **Theories of Race and Racism**. Edited and introduced by Les Black and John Solomos. London: New York Routledge Readers in Sociology, 2000. p. 607-615.
- BARTH, Fredrik. **Grupos Étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, Phillipe; SREIFF FEINART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. p.187-227.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade: entrevista a Bendetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick. Beyond “identity”. **Theory and Society**, v. 29, p. 1 - 47, 2000.
- COSTA, Jurandi Freire. **A questão psicanalítica da identidade sexual**. Disponível em: <<http://jfreirecosta.sites.uol.com.br>> Acesso em: 30 mar. 2012.
- CUNHA, Eduardo Leal. Uma leitura freudiana da categoria de identidade em Anthony Giddens. **Ágora**, v.10, n. 2, p. 171-186, 2007.
- GILROY, Paul. Identidade, pertencimento e a crítica da similitude pura. In: \_\_\_\_\_. **Entre Campos: nações, cultura e o fascínio da raça**. Trad. Célia Marinho Azevedo et al. São Paulo: Annablume, 2007, p. 123-162.
- GILROY, Paul. O Atlântico Negro como contracultura da modernidade. In: \_\_\_\_\_. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001, p. 33- 101.
- GIROLA, Roberto. **Self**. 2002. Disponível em: <<http://rgirola.sites.uol.com.br/Self.htm>> Acesso em: 13 abr. 2012.
- GRAÑA, Roberto B. (org.). **Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p. 15-27.
- HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HALL, Stuart. A questão da identidade cultural. In: \_\_\_\_\_. **A identidade na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 7 – 22.

- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- MAZZOLINI, Beatriz Pinheiro Machado. Ser e aprender na contemporaneidade: modalidades, estilos ou idiomas pessoais de aprender? **Constr. psicopedag.** 2006, v.14, n.11. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542006000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542006000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 abr. 2012.
- MOURA, Milton. Identidades. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.). **Cultura e atualidade**. Salvador: Edufba, 2005. p. 77-92.
- PEIXOTO, Madalena Guasco. **A condição política da pós-modernidade: a questão da democracia**. São Paulo: Educ, Fapesb, 1999.
- PEZ, Tiaraju Dal Pozzo. **Pequena análise sobre o sujeito em Foucault: a construção de uma ética possível**. 2008. Disponível em: <[www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/resumos-anais](http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/resumos-anais)> Acesso em: 11 mar. 2012.
- PIVA, Edgar Antonio. **A questão do sujeito em Paul Ricoeur**. Síntese. Revista de Filosofia. v. 26, n. 85, p. 205-237, 1999.
- SÖKEFELD, Martin. **Debating Self, Identity and Culture in Anthropology**. Current Anthropology vol. 40, n. 4, p. 417-431. 1999.
- SÖKEFELD, Martin. Reconsidering Identity. **Anthropos**. 2001, p. 527 – 544.
- SOVIK, Liv. Apresentação para ler Stuart Hall. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org.Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 9-22.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- VAN MEIJL, Toon. Culture and identity in anthropology: reflections on ‘unity’ and ‘uncertainty’ in the dialogical self. **International Journal for Dialogical Science**, v. 3, n. 1, 165-190, 2008.